

A PRESENÇA DOS CLÁSSICOS NA OBRA DE CAROLINA MICHAËLIS

Quem hoje olha para as monumentais edições críticas e comentadas que Carolina Michaëlis fez das *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* (1885) e do *Cancioneiro da Ajuda* (1904) – para só falar das duas maiores e, seguindo a ordem da sua publicação – não pode deixar de se maravilhar, não só pela grandeza e acribia de tanta erudição, como pelo rigor do método.

É certo que saíram ambas em Halle, e na verdadeira pátria da crítica textual. Mas se tivermos presente que, de então para cá, volvidos mais de cem anos em relação a um dos exemplos, e perto desse tempo no outro, as edições críticas dos nossos autores, preparadas no nosso País, continuam, com raras excepções, a desconhecer as regras, cada vez mais precisas, dessa ciência, e mesmo algumas das melhores não ousam sequer, certamente com receio de assustar os potenciais leitores, colocar o aparato crítico no lugar que lhe compete – então, a nossa admiração é ainda maior.

Outro facto não é menos surpreendente: é o de a autora ter sido, fundamentalmente, uma autodidacta,¹ uma vez que, terminado o ensino secundário, não lhe era lícito nessa época, como mulher, inscrever-se na Universidade, nem mesmo em Berlim, sua cidade natal, “metrópole da inteligência”, como ela se orgulhava de repetir. Todos conhecem, a célebre carta de Gaston Paris, de 18.11.1871, em que o famoso filólogo lhe exprime o seu assombro: “Où donc avez-vous appris à dix-neuf ans ce que nous autres, après douze ou quinze ans de travail, nous ne savons pas encore?”. Mas talvez nem todos se lembrem da continuação desta carta: o que mais surpreendeu o especialista francês foi a parte etimológica, que não se restringia às línguas românicas, mas evidenciava o

¹ Ela mesmo o declara no “Discurso de Apresentação” lido na Sala dos Capelos em 19 de Dezembro de 1912, reimpresso na reedição das *Lições de Filologia Portuguesa* feita pela *Revista de Portugal* (Lisboa, 1946), p. 1.

conhecimento dos antigos dialectos germânicos, do campo inseguro (ainda hoje!) do céltico, e até de línguas orientais. E, no meio disto, a afirmação, que passei à frente, com o fim de a pôr em maior destaque, por se situar no âmago deste nosso breve estudo: “Vous lisez les auteurs grecs dans leur langue.”² Repare-se que os latinos não merecem qualquer referência especial, pois não era pensável sequer que não se tivesse adquirido no liceu uma sólida preparação nessa língua.

Pelas línguas e literaturas clássicas principiara ela, efectivamente, os seus estudos e continuara-os sob a direcção do seu antigo professor na Luisenschule, Carl Goldbeck,³ juntamente com o das modernas.

A presença dessa formação tem sido menos realçada, como é natural, se a compararmos com a vastidão e importância, da obra desenvolvida noutras áreas, designadamente naquelas que nos tocam mais de perto, ou seja a língua, literatura e cultura portuguesas. Verdadeiramente, além dos trabalhos sobre humanistas lusos (de que o mais famoso é *A Infanta D. Maria e as suas Damas*), só um está expressamente relacionado com a língua grega, *As Capelas Imperfeitas e a lenda das divisas gregas* (Porto 1905), onde, com uma ironia mais cortante do que lhe é habitual, examina a interpretação, referida por Frei Luís de Sousa na *História de S. Domingos* (XII. 33-39), como sendo “hieroglifos egípcios” ou “oráculos sibilinos”, e as que se lhe seguiram, por “pessoas de fora, de grande juízo e vasto saber”, que, “não achando aos dois vocábulos conformidade com a língua pátria, nem com as mais vulgares da Europa, opinaram, porém, que, lidas *tanyas erey*, eram... gregas”.⁴

A demonstração da impossibilidade de se encontrarem tais formas em grego, a afirmação de que o alfabeto usado era simplesmente gótico minúsculo, a análise pormenorizada do desenho e sua simbologia, vista no contexto psicológico e político em que viveu o rei D. Manuel I, a quem a empresa dizia respeito, levam-na a propor a leitura “tanaz serey”, que não mais foi contraditada.

Artigo breve, mas rico em perspectivas, este é um dos que exemplificam o que a grande Mestra dissera aos seus alunos de Filologia Portuguesa do curso de 1912-1913:⁵

² Parte desta carta figura na revista *Lusitânia* X (1917) 194; encontra-se completa em J. Leite de Vasconcelos, “Carolina Michaëlis”, *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, 5 (1911), 282-284.

³ Cf. Maria Manuella Gouveia Delille, “Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) – uma alemã, mulher e erudita em Portugal”, *Biblos* 56 (1985) 217-248, especialmente pp. 220-221.

⁴ *As Capelas Imperfeitas e a lenda das divisas gregas*, p. 6.

⁵ Salvo indicação em contrário, as citações das *Lições de Filologia Portuguesa* serão feitas pela reedição da *Revista de Portugal* (Lisboa 1946). Esta é da p. 152.

... Para mim, *filologia portuguesa* é o estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia etc., mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional.

O exemplo, que acabámos de ver, da divisa do pórtico das Capelas Imperfeitas é um caso à parte. Mas o conhecimento das duas línguas e literaturas clássicas está subjacente, como não podia deixar de ser em obra tão sólida, à quase totalidade dos seus escritos. É bem evidente em *Pedro de Andrade Caminha: subsídios para o estudo da sua vida e obra*, publicado em alemão em 1901, na *Revue Hispanique*, como complemento da edição, então recente, do poeta português, por Joseph Pribsch, para a qual dera aliás, importante contributo. Nesse artigo, que teve de aguardar mais de oitenta anos para ser vertido em português e anotado, respectivamente, por Olívio Caeiro e Adrien Roig,⁶ chama a atenção para o mérito de Caminha quanto ao enriquecimento do léxico com grande número de helenismos e latinismos (de que dá como exemplo *Museu*, que foi logo adoptado por Ferreira para o *Templo das Musas*, mas também para o gabinete de trabalho do erudito⁷). E, por outro lado, identifica numerosas fontes da composição, em termos que vale a pena recordar, omitindo, naturalmente, as exemplificações:⁸

Evito entrar em pormenores porque as minhas colecções de materiais ainda não estão completas [...] Quero apenas anotar que imitações directas da Antiguidade Clássica encontram-se nele, não apenas no livro de Epigramas (Ausónio, Marcial, Teócrito), mas também nas Odes (Horácio) e Elegias (Ausónio, Mosco). As Éclogas de Teócrito e Virgílio com cantares ao desafio e lamentos de amor, estudou-as nos reflexos italianos, sobretudo em Sannazaro. De entre os discípulos nacionais de Petrarca e Horácio, Miranda e Ferreira são os seus modelos. Contudo, o próprio Petrarca foi a sua fonte principal.

A versão portuguesa, da qual retirei esta citação, encontra-se complementada e actualizada, como já se disse, por Adrien Roig, que descobriu vários documentos inéditos, entre os quais o manuscrito corrigido para impressão e apresentado à Censura, com vista à edição das *Poezias*, de 1791, e outros que permitem fixar melhor a data e local de nascimento do poeta. Entre os novos dados, uns confirmam, outros alteram as posições assumidas pela grande Romanista. Todos sabemos que é condição da investigação científica estar sujeita ao acaso da descoberta de novos dados ou da elaboração de novos métodos. O que há aqui de surpreendente é que, no exemplo que estamos a considerar, tenham transcorrido mais de sete décadas

⁶ Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982.

⁷ Citação da nota 13 da p. 17.

⁸ *Op. cit.*, pp. 40-43. A citação é da p. 41. As exemplificações figuram nas notas.

até um especialista da Literatura Portuguesa Quinhentista da envergadura de Adrien Roig poder acrescentar-lhe algo de novo.⁹

Algo de semelhante ocorreu com as *Notas Vicentinas*, designadamente a IV, “Cultura intelectual e nobreza literária”, publicada pela primeira vez na *Revista da Universidade de Coimbra*, em 1922, e que, mais de quatro décadas volvidas, veio a suscitar diversas discordâncias por parte de um grande latinista, Américo da Costa Ramalho.¹⁰ O mesmo professor, ao prefaciar, em 1994, a reedição de *A Infanta D. Maria e as suas Damas*, obra marcante que estava quase a completar um século de existência, pois fora publicada a primeira vez em 1902, pôde também apresentar muitos dados novos, porquanto os conhecimentos sobre o Humanismo em Portugal têm-se ampliado consideravelmente, graças aos estudos do mesmo Prof. A. Costa Ramalho¹¹ e seus discípulos, vários dos quais já hoje doutorados, e ainda de outros investigadores como J. V. Pina Martins, Luís de Matos, R. M. Rosado Fernandes, Amadeu Torres, J. Mendes de Castro – para só citar os nacionais. Continua, porém, a faltar a obra de conjunto que Carolina Michaëlis mais do que uma vez desejou que se fizesse: a história do Humanismo em Portugal.¹²

Muito mais provas do seu saber clássico poderiam aduzir-se, colhidos na vasta obra publicada. Mas há outras fontes a que podemos recorrer para o demonstrar, que afloram em outros vestígios da sua actividade: uma é o conjunto de *Lições de Filologia Portuguesa* que se encontra editado,¹³ outra são os volumes

⁹ O estudo de António Baião, “O poeta Pedro de Andrade Caminha e um seu cancionero desconhecido”, *Boletim de Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, X (1916) transcreve documentos relativos ao autor que, como observa A. Roig, “complementam o conhecimento da biografia de Caminha” (*op. cit.*, p. 103).

¹⁰ Em artigos publicados entre 1963 e 1972, e depois reimpressos nas colectâneas do autor *Estudos sobre a Época do Renascimento* (Coimbra 1989), 159-183, c *Estudos sobre o Século XVI* (Lisboa, 2ª ed. 1983) 175-177.

¹¹ Os seus principais trabalhos neste âmbito encontram-se reunidos nos quatro volumes com o título *Para a História do Humanismo em Portugal* (I, Coimbra, 1988; II, Lisboa, 1994; III, Lisboa, 1998; IV, Lisboa, 2000). O mesmo autor refere a bibliografia principal sobre o assunto no artigo “Humanismo em Portugal”, que escreveu para *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*.

¹² Cf. “Literatura Antiga Portuguesa” in *Biblioteca Nacional de Obras Célebres*, 1913, reimpressa em *Dispersos. Originais Portugueses. I. Varia* (Lisboa, Revista Ocidente, 1969), p. 13: *Lições de Filologia Portuguesa*, p. 136.

¹³ Foram impressas sob a forma de “sebenta” as do curso de 1911-1912 (Coimbra, 1912); as de 1912-1913 (Coimbra, 1912); de 1913-1914 (que na verdade ainda pertencem ao curso anterior, Coimbra, s. a.); *Lições práticas de Português Arcaico* (coordenadas por Francisco Pinto d’Almeida, Coimbra, 1913). Este conjunto foi reeditado, como já dissemos, pela *Revista de Portugal* (Lisboa 1946) e novamente pela Dinalivro (Lisboa, s.a. [1976?]). Com o título “O milagre do verbo” foi publicada na *Revista Lusitana XXI* (1918) 5-32, a “Introdução a lições de Filologia Portuguesa na Universidade de Coimbra. Curso de 1917-1918”.

anotados da sua biblioteca, cuja maior parte a Faculdade de Letras de Coimbra conseguiu adquirir. Por estes últimos principiaremos.

De alguns exemplos já dei notícia há anos, num artigo que escrevi sobre António Ferreira.¹⁴ Precisava eu nessa altura de consultar a obra de Júlio de Castilho, *António Ferreira, Poeta Quinhentista*,¹⁵ para ver se esse comentador teria notado que havia élogos do nosso autor que, em certos passos, se aproximavam muito mais de Teócrito do que de Virgílio, como me parecia. Tive então a surpresa de ler, no único exemplar disponível que encontrei – o da biblioteca de Carolina Michaëlis –, com respeito à afirmação do comentador português, de que os versos 99-100 da Écloga VII eram tomados de Virgílio, *Bucólicas* V. 27-28, a seguinte nota escrita à margem em gótico cursivo, na letra inconfundível da grande romanista: “falsch; eher nach Theokrit”. Efectivamente, no *Idílio* I. 71-72 do Siracusano, são mencionados, em tripla anáfora de grande efeito dramático, três espécies de animais selvagens que lançam os seus clamores pela morte de Dáfnis: chacais, lobos e leões. António Ferreira dá uma ênfase semelhante à lamentação, fazendo recair a repetição sobre o verbo, usado primeiro em anáfora, depois em quiasmo, e substituindo os chacais pelo genérico “feras”:

Dáfnis choraram na montanha as feras,
Choraram os lobos, os leões choraram.

Em Virgílio, figuravam apenas os leões, para desespero dos comentadores, que observam que não existem tais feras na Sicília, e que esta é, juntamente com a referência aos tigres que vem dois versos adiante, a primeira ocorrência desses animais na poesia latina.¹⁶ Refira-se de passagem que Donald Earl, o mais recente editor e comentador do Horácio português, que é pouco propenso a aceitar a presença de intertextualidades vindas do grego, apenas nota “o choro dos leões vem do lamento virgiliano por Daphnis, *Écl.* 5, ll. 27-28”.¹⁷ E acrescente-se ainda que o mesmo lusitanista apenas aceita a identificação dos vv. 179-180 da mesma ode (também apontada por Carolina Michaëlis em nota

¹⁴ “Alguns aspectos do classicismo de António Ferreira”, *Humanitas* XI-XII (1959-1960) 80-111, reimpresso na colectânea *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa* (Lisboa 1972) 37-82.

¹⁵ Rio de Janeiro, 1875, 3 vols.

¹⁶ Veja-se, por exemplo, o comentário de Wendell Clausen na sua edição (*Virgil. Eclogues*, Oxford, 1994, pp. 160-161). O poeta accentua, de resto, a sua proveniência africana qualificando-os de *Poenos*.

¹⁷ António Ferreira, *Poemas Lusitanos*. Edição crítica, introdução e comentários (Lisboa 2000). A citação é da p. 155.

autógrafa), com a ressalva de que “Ferreira poderia ter lido as poesias do bucolista grego em tradução latina.”¹⁸

Escolheria agora um exemplo latino. Trata-se da *Écloga* IV. 37-38, onde se lê:

também sou chamado
dos pastores poeta, e não o creio.

Aqui, Castilho, depois de citar o passo, comenta que Ferreira “traduz bem”:

Et me fecere poetam
Pierides; sunt et mihi carmina; me quoque dicunt
Vatem pastores; sed non ego credulus illis.

Carolina Michaëlis põe traços sobre o primeiro destes versos e o segundo, até *carmina*. É certo que a afirmação *sunt et mihi carmina* pode perfeitamente aceitar-se como equivalente de “Também eu canto” (que pertence ao começo do v. 37, e que Castilho não transcreve). Mas a investidura das Musas (*Et me fecere poetam Pierides*), que faz parte do conjunto em *Bucólicas* IX. 31-34, não figura, efectivamente no poema lusitano.¹⁹

Se as anotações à edição de Júlio de Castilho, de que demos apenas amostras, são numerosas (e várias, aliás, concordantes), tão-pouco se encontram ausentes de outras obras. Das muitas que ficaram registadas na edição escolar de *Os Lusíadas* por Mendes dos Remédios,²⁰ referirei apenas duas, logo na entrada do poema. Uma diz respeito a I. 3.1, “Cessem do sábio grego e do Troiano”. O professor de Literatura identificou o primeiro herói com Ulisses e o segundo com Virgílio. Carolina Michaëlis riscou este último e escreveu à margem, seguido do ponto de exclamação muito usado pelos alemães para assinalar uma correcção: “Aeneas!”. Na estrofe seguinte, em nota a I. 4. 7, esclarece-se, a respeito de “Por que de vossas águas Phebo ordene”, que se trata do deus do sol. A romanista escreve à margem o epíteto apropriado a este contexto: “Apollo Mus-agetes”. O próprio hífen com que distingue graficamente os dois elementos do composto aponta para a etimologia do vocábulo grego e propriedade da sua adequação à exegese deste caso.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 536. Mesmo assim, ainda dubitativamente: “as palavras que usa parecem vir do *Idílio* I de Teócrito...”. Lembre-se que a *editio princeps* do Bucolista grego é de 1480 e a primeira tradução latina parece ter sido simultânea.

¹⁹ Earl, *op. cit.*, p. 551, escreve simplesmente: “37-8 *Também... creio*: imitação de Virgílio, *Écl.* 9, II. 32-34”.

²⁰ Coimbra, 1900.

Creio que daria bons frutos uma análise cuidada de outras edições pertencentes a esta biblioteca. E seria boa altura de o fazer, pois o lápis com que foram grafadas está em vias de desaparecimento.

Referi há pouco que também nas *Lições de Filologia Portuguesa* abundam as provas do saber clássico da prelectora. Tratando temas como “Filologia: noções etimológicas e semasiológicas” ou “Latim falado e latim escrito”, esse fundamento não podia estar ausente. Muitos passos evidenciam o conhecimento directo dos autores. Cito um exemplo que me parece extremamente expressivo:²¹

O estilo latino – com as devidas excepções na idade de ouro e argentea – é lacónico, lapidar.

Ciclópico às vezes, pelos menos na primeira fase de literatura, até Cícero. As juntas das pedras, duras, mas bem aparelhadas, por exemplo, das sentenças catonianas, não eram preenchidas com argamassa.

A sua preferência pelo Grego evidencia-se mais do que uma vez. No final da primeira lição ao curso de 1912-1913, há um acrescento que foi omitido na reedição da *Revista de Portugal*, mas figura na primitiva sebenta (pp. 28-29), em que a Mestra afirma que gaba e sempre continuará a enaltecer os gregos que venera *super omnia*, e deseja que os seus alunos se compenetrem da importância excepcional da cultura helénica, pelo que lhes vai recomendar a leitura de alguns artigos. E acrescenta em nota:

Há um livrinho alemão sobre o tema “o que pessoas ilustradas devem saber de grego” que merecia tradução: A. Hemme, *Was muss der Gebildete vom Griechischen wissen?* (Leipzig 1905).

Na aula seguinte, ao fazer a história do composto *filologia*, que naturalmente começou em Platão, chama a atenção em nota para o *Fédon*, aquele que considera “o mais perfeito, mais sugestivo daqueles diálogos de Platão em que Sócrates é *duce, signor e maestro*”, e também para o *Banquete* (sem omitir uma referência ao de Xenofonte com o mesmo título), e conclui, com a sua quase lendária disponibilidade para ajudar os discípulos: “Aos que, não sabendo grego, entendam alemão, posso recomendar (e emprestar) excelentes traduções.”²²

Também o valor do Latim tem nestas lições o seu lugar de honra. Ao terminar a aula sobre a história do uso e da evolução da língua desde a Antiguidade aos

²¹ *Op. cit.*, p. 230.

²² Pp. 131-133.

filósofos, até aos do séc. XVIII, e de concluir que na actualidade predominam, como línguas internacionais, o francês, inglês e alemão, acrescenta:²³

Mas, apesar disso, o seu valor não diminuiu. Quem sabe latim, tem na mão a chave que abre os tesouros da antiguidade e os da cultura moderna, pois ela deriva da greco-romana, e do cristianismo.

É preciso respeitarmos-lo como vaso sagrado do pensamento humano durante mais de dois mil anos. Sobretudo as nações românicas, que lhe devem o instrumento admirável da sua fala, precisam de estudá-la com amor.

Termino com dizeres de um grande pensador alemão que foi admirável cultor da sua língua pátria.

Segundo ele, o homem que não sabe latim assemelhava-se a um viandante que, em época de chuva e nevoeiro, atravessa uma paisagem formosa. O seu horizonte é extremamente acanhado. Só vê bem o que lhe fica perto, a poucos passos de distância não distingue nada. Mal reconhece vagos contornos.

O horizonte do Latinista, pelo contrário, é amplo. Abrange, além dos tempos modernos, a Idade Média e a Antiguidade.

Uma nota esclarece que o pensador alemão que assim se exprimia é Schopenhauer.²⁴

As Lições de Filologia Portuguesa saíram, como é do conhecimento geral, desfiguradas por erros e gralhas de toda a espécie. E, apesar de a reedição da *Revista de Portugal* ter anunciado, na Advertência final da p. 426, que conseguira obter “um exemplar de uso da Autora”, pelo que se propunha vir a apresentar “um apanhado de importantes emendas”, não chegou a fazê-lo. Quando lemos, por exemplo, na nota 24 da p. 130, que “Em grego havia *glossa* e *glotta*. A primeira forma é ática. A segunda iónica”, é evidente que os alunos trocaram os dialectos. Mesmo assim, a leitura destas memórias vivas das aulas, com tudo quanto documentam sobre um saber multimodo e actualizado e um empenho quase carinhoso em o transmitir aos discípulos, revela-nos uma faceta que excede em poder evocativo as obras impressas pela autora, e que nos faz compreender até que ponto é válida a poética frase com que Eugénio de Castro²⁵ sintetizou o espírito que as vivificava: “As suas lições não eram um sermão, eram uma comunhão”.

Maria Helena Rocha Pereira
(Universidade de Coimbra)

²³ *Op. cit.*, p. 185.

²⁴ *Parerga et Paralipomena* I, § 299.

²⁵ *Apud* Cruz Malpique, *D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Mulher de Espírito e Mulher de Coração* (Porto 1955), p. 43.